

Cadernos  
***IHU ideias***

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 20 | nº 327 | vol. 20 | 2022



**O amor ao próximo como  
categoria ética em Simone Weil**

Ana Lúcia Guterres Dias

**Cadernos**  
***IHU ideias***

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 20 | nº 327 | vol. 20 | 2022

**O amor ao próximo como  
categoria ética em Simone Weil**

**Ana Lúcia Guterres Dias**

Mestranda no Programa de Pós-Graduação Filosofia da Unisinos



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS



**UNISINOS**

Cadernos IHU ideias é uma publicação periódica e digital do Instituto Humanitas Unisinos – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

## UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ  
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

## INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ  
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz  
Gerente administrativo: Nestor Pilz

ihu.unisinos.br

### Cadernos IHU ideias

Ano XX – Nº 327 – V. 20 – 2022

ISSN 2448-0304 (on-line)

**Editor:** Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

**Conselho editorial:** Bel. Guilherme Tenher Rodrigues; Dra. Cleusa Maria Andreatta; Dr. Lucas Henrique da Luz; Dra. Marilene Maia; Dra. Susana Rocca; Dr. Ricardo de Jesus Machado.

**Conselho científico:** Adriano Naves de Brito (Unisinos, doutor em Filosofia); Angelica Massuquetti (Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade); Berenice Corsetti (Unisinos, doutora em Educação); Celso Cândido de Azambuja (Unisinos, doutor em Psicologia); César Sanson (UFRN, doutor em Sociologia); Gentil Corazza (UFRGS, doutor em Economia); Suzana Kilpp (Unisinos, doutora em Comunicação).

**Projeto Gráfico:** Ricardo de Jesus Machado

**Responsável técnico:** Guilherme Tenher Rodrigues

**Imagem da capa:** Ethics Centre

**Revisão:** Pedro Henrique Barbosa de Brito

**Editoração:** Guilherme Tenher Rodrigues

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos.  
– Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 20.  
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.  
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).  
ISSN 2448-0304  
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos  
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil

## O amor ao próximo como categoria ética em Simone Weil

Ana Lúcia Guterres Dias

**RESUMO:** O tema do amor ao próximo na filosofia de Simone Weil é desenvolvido considerando-se conceitos como a atenção e a compaixão. Inicialmente abordaremos estes dois conceitos, buscando compreendê-los enquanto abertura de si para o outro em uma relação/ligação que conecta um ser humano ao outro e à própria transcendência. Neste estudo pretende-se dar ênfase ao pensamento filosófico de Simone Weil relativo ao amor ao próximo, examinando como a experiência do amor ao próximo pode possibilitar uma outra relação ética.

**PALAVRAS-CHAVE:** Amor ao próximo, Simone Weil, atenção, compaixão.

## Love for others as an ethical category in Simone Weil

Ana Lúcia Guterres Dias

**ABSTRACT:** The theme of love the next in Simone Weil's philosophy is developed considering concepts as attention and compassion. Initially we will approach these two concepts, seeking out to understand them as opening oneself to the other in a relation/link that connects a human being to another one and to transcendence itself. In this study we intend to give emphasis to Simone Weil's philosophical thinking relative to love the next, examining how the experience of love the next can enable another ethical relationship.

**KEYWORDS:** Love the next, Simone Weil, attention, compassion.

# O amor ao próximo como categoria ética em Simone Weil

Ana Lúcia Guterres Dias

Mestranda no Programa de Pós-Graduação Filosofia da Unisinos

## INTRODUÇÃO

Simone Weil nasceu em Paris, no dia 3 de fevereiro de 1909, e faleceu em 24 de agosto de 1943. É neste momento histórico, durante a Segunda Guerra Mundial, que, com apenas 34 anos, a filósofa encerra sua trajetória de vida. Em sua breve existência, ela desenvolveu o seu pensamento filosófico de forma coerente com o que vivia. A sua produção teórica foi construída de forma inseparável à sua prática.

O amor foi uma realidade na vida e obra de Simone Weil. Desde a infância, suas atitudes eram fundamentadas no amor ao próximo. Não como um mandamento divino, visto que a vivência da espiritualidade não

lhe era realidade durante a maior parte de sua vida, mas como uma responsabilidade ética sentida pelos outros, desde criança. Somente em seus últimos anos é que a experiência mística se fez realidade. O amor ao próximo era inerente a ela, e para Weil seria inconcebível viver agindo de outra forma. É permanente em sua vida a atitude de abrir-se às necessidades do outro, compadecendo-se com o sofrimento alheio e procurando atuar de forma atenta e responsável no combate à injustiça.

Com o passar dos anos, Simone Weil desenvolve o seu pensamento tendo como presença constante que perpassa a sua obra e vida a luta contra a injustiça, contra toda forma de opressão e de violência. O amor enquanto conceito filosófico e prática de vida se desdobra em outras categorias essenciais para sua realização, como a atenção e a compaixão. Estes são elementos indispensáveis para que se possa pensar uma realidade na qual a ética oriente as relações. A respeito da contribuição que Simone Weil pode oferecer neste sentido, por sua vida e obra, Maria Clara Bingemer afirma:

Se a História da Humanidade é, em boa parte, a história de suas guerras, também é não em menor medida a história das grandes figuras humanas que, com suas vidas, pensamentos e testemunhos lançaram luz sobre as trevas, transformaram desertos em jardins, e abriram tênues perspectivas de esperança e paz para todo o gênero humano. Certamente Simone Weil é uma dessas figuras. (BINGEMER, 2007, p. 287)

Simone Weil diz, em seu Diário Espiritual, que durante toda a sua vida nunca buscou Deus, e que enquanto o nome de Deus não ocupava espaço em seus pensamentos, ela se dedicava aos problemas des-

te mundo, desta vida (WEIL, 2019, p. 30). No entanto após as experiências místicas que a filósofa viveu, que foram intensificadas por volta de 1937 e 1938, seu pensamento sobre o amor, sobre o amor ao próximo, se desenvolve e aprofunda a partir das experiências de sua vida, experiências humanas e espirituais. O amor ao próximo é iluminado pela presença da transcendência, no entanto isto não significa que Simone Weil tenha se fechado dentro de algum dogma específico, dentro de alguma religião específica. Ela se torna conhecedora e admiradora de diversas tradições religiosas, e permanece livre em sua espiritualidade, mas identifica-se de forma singular com a figura de Cristo.

Desta forma, ao falar sobre o amor ao próximo em Simone Weil, não podemos deixar de abordá-lo considerando a perspectiva cristã do amor, e como a vivência do amor cristão (no exemplo de Cristo), de acordo com Simone Weil, é chave para uma ética embasada na responsabilidade para com as necessidades dos outros, observando-se, para a sua realização, categorias como a atenção, e a compaixão.

## A ATENÇÃO

A atenção<sup>1</sup> é uma categoria importante, de grande destaque na filosofia de Simone Weil. A atenção faz voltarmos o olhar e dar-nos conta, faz percebermos o outro. Para aquele que é capaz de agir com atenção a quem encontra, ocorre um desprendimento de si mesmo, uma saída de si para encontrar o outro. Weil

1 Não abordaremos o conceito de atenção de forma completa, ampla e profunda, conforme desenvolveu Simone Weil, mas daremos um enfoque específico a partir do tema proposto neste estudo. Destacamos também a influência do estoicismo no pensamento de Simone Weil, fonte esta a partir da qual o conceito de atenção reverberou na autora.

dirige seu pensamento para aqueles que se encontram em situações de opressão, para aquelas pessoas infligidas pelo infortúnio. Àqueles atingidos pela desgraça, parece haver uma capa de invisibilidade que os faz escapar à maioria dos olhos que por eles passam. Apenas a raridade de um olhar atento conseguirá romper a couraça por meio da qual a própria humanidade fez-se cega para os ‘próximos’ que se encontram pelo caminho. É como se aquela pessoa não existisse. “A humanidade não existe na carne anônima inerte às margens da estrada” (WEIL, 2019, p. 112). A atenção verdadeira ocorre quando o invisível se torna visível pelos “olhos” de quem o vê.

Não é apenas o amor a Deus que tem a atenção como substância. O amor ao próximo, que sabemos ser o mesmo amor, é feito da mesma substância. Os infelizes não precisam de outra coisa neste mundo do que de seres humanos capazes de prestar atenção neles. A capacidade de prestar atenção a um infeliz é algo raro, muito difícil, quase um milagre; é um milagre. Quase todos os que acreditam ter esta capacidade não a possuem. O calor, o impulso do coração e a piedade não bastam. (WEIL, 2019, p. 80)

Simone Weil desenvolve seu pensamento filosófico movida pela luta contra a injustiça, contra as situações de opressão. Saber e ver a realidade da injustiça, dos sofrimentos e violências diversas das quais os seres humanos são vítimas, era uma realidade que a mobilizava, que movimentava a sua construção teórica e a sua prática engajada e comprometida. Àqueles que tiveram de alguma forma a sua própria dignidade aviltada é que Simone Weil afirma ser necessário voltarmos a atenção. Esta atitude de estender-se, prolongar o seu próprio ser de forma plena até esse outro ser humano,

desconhecido e golpeado, não é tarefa simples nem fácil, mas é um desafio que a filósofa coloca. É algo tão raro que a própria Simone Weil diz ser um milagre. A capacidade de ter atenção para com o outro é qualidade fundamental e inseparável do amor. O amor ao próximo se realiza na medida em que ocorre este desdobramento de si para o outro, a partir de um exercício desinteressado de dirigir a atenção à outra pessoa, às suas necessidades.

A plenitude do amor ao próximo é simplesmente ser capaz de perguntar-lhe: “Qual é o teu tormento?” É saber que o infortúnio existe, não como unidade de uma coleção, não como um exemplar da categoria social rotulada “infeliz”, mas como ser humano, exatamente semelhante a nós, que um dia foi golpeado e ferido pelo infortúnio com uma marca incomparável. Para isso é suficiente, mas indispensável, saber pousar sobre ele um determinado olhar.

Esse olhar é, antes de tudo, um olhar atento, no qual a alma se esvazia de todo conteúdo próprio para receber em si o ser que ela observa tal qual ele é, em toda a sua verdade. Apenas aquele que é capaz de atenção é capaz de fazer isso. (WEIL, 2019, p. 80)

A categoria da atenção abordada por Simone Weil é um contraponto à pressa na qual a humanidade em sua maioria consome, se afasta de sua interioridade, acumula objetos, vive relações descartáveis e interesseiras. A atenção exige que se diminua a velocidade, exige que o movimento seja leve para que se possa exercer a capacidade de observação. A atenção observa. E este movimento não é apático. A atenção pressupõe um movimento como um diálogo entre o que é observado e o que observa. A atenção faz com que aquele que é observado ocupe lugar de forma ativa na-

quele que observa. O exercício da atenção é um gesto que compromete, é atitude ética que possibilita ao que recebe a atenção o reconhecimento enquanto ser humano, um reconhecimento que pode possibilitar o resgate de uma dignidade degradada, um reconhecimento que possui a nobreza de significar positivamente a experiência vivida. “Aquele que, tendo sido reduzido pelo infortúnio ao estado de coisa inerte e passiva, volta ao menos durante um tempo ao estado humano pela generosidade de outra pessoa” (WEIL, 2019, p. 109). A atenção é uma forma de generosidade para com o outro. Desta forma, pousar o olhar sobre aquele que vive o infortúnio, a desgraça, “é um ato puro de amor, sem outra finalidade nem interesse pessoal, pelo qual de alguma forma se lhe reconhece a existência da qual parece estar privado pela carência de atenção com que se enfrenta cotidianamente” (PEREZ, 1990, p. 461). E segundo a própria Simone Weil, “Essa atenção é amor” (WEIL, 2016, p. 94).

## A COMPAIXÃO

**A**o dedicar atenção, se exerce a capacidade de ver e ouvir. Neste caso, o ato de ver e ouvir está para além da faculdade própria dos órgãos físicos. Aquele que presta atenção vê e ouve além, vê o ser humano complexo com as necessidades que lhe são reais, e ouve enquanto transporta-se para o lugar do outro. Simone Weil afirma que “Ouvir uma pessoa é se colocar em seu lugar enquanto ela fala” (WEIL, 2016, p. 93). A atenção possibilita ver profundamente o ser humano em sua dignidade, independente das inúmeras cicatrizes que possa trazer no corpo ou na alma, e ao ver e ouvir, colocando-se no lugar do outro, abrimos espaço em

nosso ser e consentimos em sentir a dor do outro. A compaixão é esse gesto que movimenta o ser humano para sentir junto com o outro, sofrer com o outro, é uma forma de concretizar a solidariedade relativa à dor alheia. A compaixão elimina a indiferença.

A compaixão e a solidariedade com o sofrimento humano em todas as suas mais sofridas e dolorosas manifestações foram para Simone Weil uma escola na qual recebeu séria iniciação desde seus mais tenros anos. Jamais a percepção da existência do mal no mundo e de suas terríveis consequências sobre os seres humanos lhe passou despercebida nem tampouco lhe pareceu menos importante e central. A dor alheia sempre foi para ela o objeto maior de sua atenção (...). (BINGEMER, 2007, p. 162)

Simone Weil não ficou indiferente à dor alheia, e a ela dedicou a sua atenção, e sentiu compaixão. A compaixão carrega em si a força de uma ação capaz de fazer com que o “eu” ceda lugar ao “tu”. O “tu” de certa forma passa a habitar no “eu”, permitindo que a dor sentida pelo outro seja sentida também por aquele que age e sente compaixão. Este movimento não depende de que se esteja passando pelo mesmo tormento de quem vive o infortúnio, mas ele é possível quando há abertura, atenção, reconhecimento para com aquele que vive o sofrimento. É preciso observar também que realizar o movimento em direção ao outro, pela atenção, pela compaixão, é difícil para quem não conheceu o infortúnio (WEIL, 2019, p. 110). Esse deslocamento de si para o outro pela atenção, e o gesto de sentir junto com o que sofre, de agir com compaixão, funda uma outra forma de relação ética onde o respeito para com o ser integral do próximo possibilita relações harmoniosas, em que

não se almeja o mal do outro, a violência ou injustiça, mas, ao contrário, a capacidade de sentir com o outro nos coloca em uma condição de igualdade enquanto humanidade.

O chamado a todo ser humano de compartilhar o infortúnio, a desgraça vivida pelo outro, se compreende (esse compartilhar) como compaixão. “Sofrer com o outro é fazer comum o sofrimento” (PEREZ, 1990, p. 460). Compartilhar as alegrias e dádivas soa como ação razoável e prazerosa, no entanto, compartilhar os sofrimentos e desgraças vividos pelo outro parece fugir à lógica que cultua o individualismo produzindo relações estéreis em que o respeito nas relações não é a pilastra principal.

Simone Weil encontra em Cristo a figura do Deus ao qual ela se identifica, e especialmente com a experiência da cruz. O Deus-compaixão que se entrega por amor, não como mártir, mas como um criminoso aos olhos daqueles que O condenam, vivendo em si mesmo a experiência do infortúnio, torna-se para Weil o seu exemplo maior de compaixão e amor.

O sofrimento do mundo foi para ela uma obsessão e sua experiência a trouxe para muito perto da paixão e cruz de Jesus Cristo (...). Após sua experiência mística cristã, esta compaixão e seu sentimento tão agudo do sofrimento do outro não se afastaram de Simone. Ao contrário, isto foi sempre nela, mais presente e forte. (...)

Em toda a sua trajetória em direção a uma morte do próprio “eu” que passa por uma compaixão sempre mais profunda pelo outro que sofre e em quem o próprio Cristo se faz presente, Simone recorda que a representação de Deus muitas vezes permanece ligada ao estereótipo religioso arcaico do poder e da

guerra e denuncia esse equívoco. (BINGEMER, 2007, p. 224-225)

Para Simone Weil, a graça sobrenatural tem uma função determinante no movimento de sentir compaixão. “A compaixão humana participa da compaixão de Deus ao homem e neste sentido é sempre um amor de índole sobrenatural, que supera a tendência natural de exercer o próprio poder e acreditar-se o centro do mundo” (PEREZ, 1990, p. 462). No entanto, não é condição para a ação da graça divina que somente quem segue alguma doutrina religiosa, ou tem alguma crença na transcendência seja capaz de atender os que vivem algum infortúnio (PEREZ, 1990, p. 463). Simone Weil, em seu texto *Formas do amor implícito de Deus*<sup>2</sup>, fala sobre isso ao dizer que existem outras formas do amor que estão em segredo, que são implícitos de Deus. Segundo a filósofa, “O amor implícito de Deus só pode ter três objetos imediatos, os três únicos objetos aqui embaixo onde Deus está realmente, apesar de secretamente presente. Esses objetos são as cerimônias religiosas, a beleza do mundo e o próximo. Esses são os três amores” (WEIL, 2019, p. 101). Em seguida, ela acrescenta também a amizade. É importante observar que a presença, experiência divina nas práticas religiosas, não é uma garantia pela prática religiosa simplesmente. “Deus está presente nas práticas religiosas quando elas são puras, da mesma maneira que está presente no próximo e na beleza do mundo; isso não quer dizer que Ele esteja mais presente nas práticas religiosas” (WEIL, 2019, p. 142). O amor ao próximo pode ser vivido como uma experiência da transcendência, não poucas vezes maior e mais plena do que o que se vive em práticas religiosas.

2 O texto *Formas do amor implícito de Deus* é um dos textos e cartas de Simone Weil que compõem a obra *Espera de Deus*, publicada recentemente pela editora Vozes, em 2019.

## O AMOR AO PRÓXIMO

O amor ao próximo, conforme o concebe Simone Weil, torna-se melhor compreendido quando entendemos que, para a filósofa, o ser humano é sagrado<sup>3</sup> (WEIL, 2016, p. 54), e enquanto sagrado que é, deve-se agir com respeito para com ele. A necessidade do bem é universal, todo ser humano tem essa necessidade, e ela pode ser realizada em cada um. Ao mesmo tempo, ela é incondicional, ou seja, não há condições para que se realize o bem (WEIL, 1957, p. 72). Não importa qual seja a situação, não importa quem seja o outro, ou qual sofrimento esteja vivendo, agir para com este outro lhe fazendo o bem é uma obrigação<sup>4</sup>. “Há obrigação para com todo ser humano, pelo simples fato de ele ser um ser humano...” (WEIL, 2001, p. 9). Esta é uma afirmação que para Simone Weil é possível devido à igualdade que interliga cada ser humano enquanto sagrado que é. Há uma obrigação de uma pessoa para com a outra, de fazer-lhe o bem. De acordo com Weil,

Quem tem sua atenção e seu amor dirigidos de fato para a realidade estranha ao mundo, reconhece ao mesmo tempo que está obrigado, na vida pública e privada, pelo único e perpétuo dever de remediar, na ordem de suas responsabilidades e na medida de seu poder, todas as privações da alma e do corpo suscetíveis de destruir ou de mutilar a vida terrestre de um ser humano seja quem for.<sup>5</sup>

3 A noção de sagrado é desenvolvida por Simone Weil em alguns de seus textos, como em *A Pessoa e o Sagrado*, in: Simone Weil: pela supressão dos partidos políticos, Belo Horizonte, ed. Áyiné, 2016, e no *Étude pour une déclaration des obligations envers l'être humain*, in: *Écrits de Londres*, Paris, ed. Gallimard, 1957.

4 A obrigação é um conceito filosófico indispensável na compreensão da filosofia de Simone Weil. A obrigação é eterna e incondicionada.

5 Cf. texto original: “Quiconque a son attention et son amour tournés en fait vers la réalité étrangère au monde reconnaît en

(WEIL, 1957, p. 69).

É nítida essa responsabilidade na resposta dada pelo próprio Jesus Cristo, no episódio conhecido em que um doutor da lei pergunta ao próprio Jesus sobre quem seria o próximo. Quando se discorre sobre o tema do amor ao próximo, esta emblemática pergunta ressurgue. Esta é uma questão sempre necessária, e à qual Simone Weil se dedica, na medida em que desenvolve seu pensamento filosófico conceituando o próximo em suas teorias, e encontrando-se cotidianamente com o mesmo próximo sobre o qual ela teoriza. A figura do próximo esteve presente na vida da filósofa, e com o material concreto de suas experiências humanas na relação com ele é que ela tece a sua filosofia. O discurso de Simone Weil, fundamentado pela sua ação, constitui o seu modo de viver. Um modo de viver guiado por atitudes éticas que a colocavam na própria realidade do outro. Estas atitudes éticas são de profundo respeito para com os outros, de forma especial para com todo aquele que vive algum tipo de injustiça, sofrimento ou violência. O amor pelo próximo moveu o seu pensamento, a arrebatou para o estudo filosófico, para a militância política, para o trabalho na fábrica, para a Guerra Civil Espanhola e para tantas outras experiências singulares que compõem a sua biografia e que constituem a sua filosofia, incluindo dentre essas experiências, a sua própria morte<sup>6</sup>.

même temps qu'il est tenu, dans la vie publique et privée, par l'unique et perpétuelle obligation de remédier, dans l'ordre de ses responsabilités et dans la mesure de son pouvoir, à toutes les privations de l'âme et du corps susceptibles de détruire ou de mutiler la vie terrestre d'un être humain quel qu'il soit" (tradução nossa).

6 Em seus últimos dias, em Londres, em grande sofrimento por não conseguir regressar à França ocupada e lutar com seus compatriotas, Simone Weil encontra uma forma de unir-se a eles, que sofriam de fome. Ela reduz drasticamente a sua alimentação,

O desafio que Simone Weil propõe por meio de seu exemplo e de sua filosofia é o mesmo feito pela figura do próprio Cristo. O desafio de tratar com amor o ser humano, de reconhecê-lo em sua humanidade.

É verdade que é preciso amar ao próximo, mas no exemplo dado por Cristo como ilustração desse mandamento, o próximo é um ser nu e ensanguentado, desmaiado e caído no caminho e sobre quem nada sabemos. Trata-se de um amor totalmente anônimo e, por isso mesmo, totalmente universal. (WEIL, 2019, p. 64)

O próximo não tem nome, o próximo é desconhecido, o próximo foi degradado pela violência imposta ao corpo ou à alma, o próximo é cada ser humano em sua particularidade, o próximo é aquele outro específico que surge no caminho, e que necessita atenção e compaixão. O amor ao próximo se torna real quando existe abertura para partilhar o sofrimento do outro pelo prolongamento de si no gesto de atenção para com ele, e colocando-se no lugar do outro ao sofrer com ele, ao agir com compaixão. O amor ao próximo não comporta recompensas, não contém cobranças, mas é vivido a partir do desapego. O próximo não precisa oferecer nada em troca para que seja respeitado, amado, reconhecido em sua dignidade. É uma responsabilidade nossa, enquanto obrigação de um ser humano para com o outro, tratá-lo de tal forma. Segundo Eric Sprin-gsted, um dos comentadores de Simone Weil,

A faculdade de atenção que dá acesso a Deus não é alcançada a menos que seja exercida,

em um gesto profundo de compaixão, de amor ao próximo. Muito fraca e doente, não resiste. Simone Weil redige o seu último escrito filosófico sobre o amor ao próximo com a sua própria morte. "A sua morte é a simbólica do conjunto da sua vida. (...) Uma morte que não era a caricatura, mas a metáfora do amor à vida, do amor à vida dos outros." (NICOLA; BINGEMER, 2005, p. 47)

e isto implica o respeito ao valor dos nossos semelhantes. (...) Assim, já que as obrigações estão ligadas a nosso destino na eternidade, e visto que este destino é universal, são responsabilidade de todo o mundo. (SPRINGSTED, 2007, p. 237)

Para Weil o amor ao próximo se concretiza quando há partilha do infortúnio alheio. Partilhar a dor do outro, prestar atenção no próximo, é uma ação que tem a qualidade de unir um e outro, um que se debate em sua desgraça, e outro que lhe estende seu próprio ser em uma doação que não lhe enfraquece em nada, mas possibilita ao seu próximo o resgate de si mesmo.

Cristo nos ensinou que o amor sobrenatural pelo próximo é a troca de compaixão e de gratidão que se produz como um raio entre dois seres onde um é provido e o outro privado da pessoa humana. Um dos dois é apenas um pouco de carne nua, inerte e sangrenta às margens de uma fossa, sem nome, sobre a qual ninguém sabe coisa alguma. Aqueles que passam ao lado desta coisa mal a percebem e alguns minutos mais tarde nem se lembram mais que perceberam. Uma única pessoa para e presta atenção. Os atos que se seguem são apenas o feito automático desse momento de atenção. Essa atenção é criadora. Mas no momento em que ela está agindo, ela é renúncia. Ao menos se ela for pura. O homem aceita uma diminuição concentrando-se para dispensar uma energia que não apagará o seu poder, que apenas fará existir um outro ser além dele, independente dele. Querer a existência do outro é se transportar nele, por compaixão, e em seguida tomar parte do estado de matéria inerte onde ele se encontra.

Essa operação é proporcionalmente contra a natureza em um homem que não conheceu o infortúnio e ignora o que seja, assim como em um homem que conheceu ou presentiu o

infortúnio e tomou horror dele. (WEIL, 2019, p. 109-110)

Simone Weil nos convoca a um comprometimento ético, onde cada ser humano sintá-se responsável pelo outro, especialmente por aqueles que são vítimas de algum infortúnio. Os tempos sombrios onde a violência, a falta de amor ao próximo imperam, se revelam como uma presença amarga na humanidade. Fatores econômicos, sociais, políticos, gerados a partir de uma lógica que segue cultuando o lucro, que se organiza a partir do individualismo, produz desigualdades, injustiças e um certo esquecimento da humanidade que nos constitui. Falar sobre o amor ao próximo neste cenário incandescente é considerar a necessidade de constantemente revermos quais bússolas nos orientam.

O tema do amor ao próximo está atrelado ao tema da justiça, que é caro à Simone Weil, e atravessa toda a sua obra e vida, mas neste estudo não lhe daremos o aprofundamento necessário, visto a extensão que tal estudo demandaria. Porém, não podemos abordar o tema do amor ao próximo sem falar na justiça como Simone Weil a compreende. Para a filósofa, “A justiça consiste em zelar para que não se faça mal aos homens” (WEIL, 2016, p. 97). Weil tem sua filosofia enraizada nos pensadores gregos, e é a partir deles que ela compreende a justiça. Para ela, a justiça e o amor não se distinguem, mas são chaves que precisam abrir outras formas de cuidado para com o outro, de zelo para que o mal, enquanto degradação da dignidade humana, não seja realizado. “Preservar a justiça e proteger os homens de todo mal é, antes de mais nada, impedir que os maltratam” (WEIL, 2016, p. 99). Simone Weil fala em um espírito de justiça e de verdade, que se mis-

turam em um só. “O espírito de justiça e de verdade não é nada mais do que algum tipo de atenção, que é puro amor” (WEIL, 2016, p. 95).

A filósofa nos lembra que a distinção feita entre o amor e a justiça não vem dos gregos nem está no Evangelho, mas fomos nós que a inventamos. Segundo ela,

Cristo não chama os benfeitores de amorosos ou caridosos. Eles são chamados de justos. O evangelho não faz nenhuma distinção entre o amor ao próximo e a justiça. Aos olhos dos gregos, o respeito para com Zeus suplicante era o primeiro dentre os deveres da justiça. Nós inventamos a distinção entre justiça e caridade. (...) Apenas a identificação absoluta da justiça com o amor torna possíveis ao mesmo tempo, de um lado, a compaixão e a gratidão, e de outro, o respeito pela dignidade da infelicidade entre os desafortunados. (WEIL, 2019, p. 103)

Desta forma, segundo Weil, é necessário voltar a atrelar a justiça ao amor ao próximo, já que ser justo é não causar danos ao outro, é zelar pelo bem do outro, é viver uma ética orientada pelo amor ao próximo. “É preciso apenas saber que o amor é uma orientação, e não um estado de alma. Se ignorarmos isso, cairemos no desespero ao primeiro ataque da infelicidade” (WEIL, 2019, p. 99).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo procuramos refletir sobre o amor ao próximo em Simone Weil, dando destaque às categorias atenção e compaixão. De acordo com a concepção do tema do amor ao próximo, com as suas devidas responsabilidades, conforme Weil expõe, procuramos conduzir o estudo compreendendo o amor ao

próximo como uma categoria ética em concreto, não em abstrato.

Compreender o amor ao próximo como uma categoria ética é situar esta ação enquanto prática no cotidiano, de forma a criar relações mais harmoniosas, onde a existência do ser humano se desenvolva no reconhecimento do outro ser humano, que mesmo de forma anônima, é seu próximo. Urge reconhecer o outro como próximo, especialmente aquele que teve sua dignidade aviltada por alguma intempérie da vida. A estes, Simone Weil nos chama especialmente a atenção.

Apesar de serem ações muito raras, segundo a própria filósofa, é por meio da atenção e da compaixão que o amor ao próximo se concretiza. Essas categorias só adquirem o real sentido quando vividas em total abertura para com o outro e no desapego de si. Elas constituem a matéria da qual o amor ao próximo é feito, são a sua própria carne e os seus próprios ossos. Ao ter atenção e sentir compaixão pelo outro, a justiça em forma de amor se realiza. O amor ao próximo pressupõe responsabilidade.

A ética de Simone Weil nos conduz a um engajamento na medida em que somos interpelados pelo rosto do Outro. Desse modo, somos chamados à responsabilidade e a uma ética-mística de configuração ao Cristo. O sentido de sua ética vem do rosto do outro que sofre, que clama por responsabilidade. Assim, todos somos chamados a responder eticamente, sendo que toda implicação ética reside em uma decisão e uma resposta. (SERRATO; SOUZA, 2018, p. 332)

O amor ao próximo, sendo também uma das vias de acesso a transcendência, e enquanto uma ética possível, como procuramos abordar neste estudo a partir

de Simone Weil, contém o germe de uma união muitas vezes tratada como incompatível, mas que ilumina a experiência verdadeira da atenção, da compaixão, do amor ao próximo, do respeito, da justiça. Uma união entre a mística e a razão, para alguns, nunca realizável, e para outros, possível, pode conter os alicerces de uma construção sob a qual uma ética amorosa orientará as relações. Um estudo sobre esta união, no entanto, fica para uma próxima oportunidade.

## REFERÊNCIAS

BINGEMER, M. C. (2007) Simone Weil: a força e a fraqueza do amor. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

NICOLA, G. P. di.; BINGEMER, M. C. L. (Orgs.). (2005) Simone Weil: ação e contemplação. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PEREZ, Emília Bea. (1990) Antropologia y filosofía política en Simone Weil. Tesi doctoral. Universitat de València. Departamento de filosofía del derecho, moral y política. Facultad de derecho. València, 1990.

SERRATO, Andreia C.; SOUZA, Waldir. (2018) “Práxis místico-ética em Simone Weil: a compaixão pelo outro sentida à flor da pele”. Revista Pistis e Práxis, Teologia e Pastoral, Curitiba, v.10, n. 2, p. 308-337, maio/agosto. 2018.

SPRINGSTED, Eric O. (2007) “Derechos y obligaciones”. In: VALLS, María S. Simone Weil: Profesión de fe. Antología y crítica alrededor de su obra. México: Ed. Pleroma, 2007, p. 227-241.

WEIL, Simone. (2016) “A pessoa e o sagrado”. In: Pela supressão dos partidos políticos. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2016.

\_\_\_\_\_. (1957) *Écrits de Londres*. Paris: Gallimard, 1957.

\_\_\_\_\_. (2019) *Espera de Deus*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

\_\_\_\_\_. (2001) *O Enraizamento*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

## Ana Lúcia Guterres Dias



**T**rabalha com projetos sociais na Restinga, em Porto Alegre, com crianças e adolescentes. É graduada em Filosofia pela Universidade La Salle, possui Especialização em Filosofia pela Unisinos, e atualmente é mestranda do Programa de Pós-Graduação Filosofia da Unisinos. Desde 2009 vem ampliando sua aproximação do pensamento filosófico de Simone Weil, e neste momento desenvolve sua pesquisa no mestrado, sob orientação do Professor Castor Bartolomé Ruiz, com o tema: “A Filosofia como forma de vida: a práxis e a mística em Simone Weil.”



## CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 A teoria da justiça de John Rawls – José Nedel
- N. 02 O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas – Edla Eggert  
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo – Sonia Montañó
- N. 04 Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 O ruído de guerra e o silêncio de Deus – Manfred Zeuch
- N. 06 BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo – Renato Janine Ribeiro
- N. 07 Mundos televisivos e sentidos identitários na TV – Suzana Kilpp
- N. 08 Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho – Márcia Lopes Duarte
- N. 09 Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada – Valério Cruz Brittos
- N. 10 Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo – Édison Luis Gastaldo
- N. 11 Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz – Márcia Tiburi
- N. 12 A domesticação do exótico – Paula Caleffi
- N. 13 Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular – Edla Eggert
- N. 14 Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS – Gunter Axt
- N. 15 Medicina social: um instrumento para denúncia – Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 Mudanças de significado da tatuagem contemporânea – Débora Krischke Leitão
- N. 17 As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade – Mário Maestri
- N. 18 Um itinerário do pensamento de Edgar Morin – Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 Os donos do Poder, de Raymundo Faoro – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 Sobre técnica e humanismo – Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 Construindo novos caminhos para a intervenção societária – Lucilda Selli
- N. 22 Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial – Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático – Valério Rohden
- N. 24 Imagens da exclusão no cinema nacional – Miriam Rossini
- N. 25 A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação – Nísia Martins do Rosário
- N. 26 O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – Rosa Maria Serra BavareSCO
- N. 27 O modo de objetivação jornalística – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 A cidade afetada pela cultura digital – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 Getúlio, romance ou biografia? – Juremir Machado da Silva
- N. 31 A crise e o êxodo da sociedade salarial – André Gorz
- N. 32 À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
- N. 33 O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos – Marco Aurélio Santana
- N. 35 Adam Smith: filósofo e economista – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos

- N. 36 Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica – Airton Luiz Jungblut
- N. 37 As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes – Fernando Ferrari Filho
- N. 38 Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial – Luiz Mott
- N. 39 Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo – Gentil Corazza
- N. 40 Corpo e Agenda na Revista Feminina – Adriana Braga
- N. 41 A (anti)filosofia de Karl Marx – Leda Maria Paulani
- N. 42 Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa” – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistemática de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo – Gérard Donnadieu
- N. 45 A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica – Lothar Schäfer
- N. 46 “Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missioneiro no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju – Ceres Karam Brum
- N. 47 O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter – Achyles Barcellos da Costa
- N. 48 Religião e elo social. O caso do cristianismo – Gérard Donnadieu
- N. 49 Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras – Evilázio Teixeira
- N. 51 Violências: O olhar da saúde coletiva – Élda Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 Ética e emoções morais – Thomas Kesselring
- N. 53 Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Adriano Naves de Brito
- N. 54 Computação Quântica. Desafios para o Século XXI – Fernando Haas
- N. 54 Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil – An Vranckx
- N. 55 Terra habitável: o grande desafio para a humanidade – Gilberto Dupas
- N. 56 O decrescimento como condição de uma sociedade convivial – Serge Latouche
- N. 57 A natureza da natureza: auto-organização e caos – Günter Küppers
- N. 58 Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades – Hazel Henderson
- N. 59 Globalização – mas como? – Karen Gloy
- N. 60 A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida – Cesar Sanson
- N. 61 Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo – Regina Zilberman
- N. 62 Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude – Cátia Andressa da Silva
- N. 64 Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo – Artur Cesar Isaia
- N. 65 Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical – Léa Freitas Perez
- N. 66 Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675) – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa – João Guilherme Barone
- N. 68 Contingência nas ciências físicas – Fernando Haas

- N. 69 A cosmologia de Newton – Ney Lemke  
N. 70 Física Moderna e o paradoxo de Zenon – Fernando Haas  
N. 71 O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade – Miriam de Souza Rossini  
N. 72 Da religião e de juventude: modulações e articulações – Léa Freitas Perez  
N. 73 Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa – Eduardo F. Coutinho  
N. 74 Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho – Mário Maestri  
N. 75 A Geologia Arqueológica na Unisinos – Carlos Henrique Nowatzki  
N. 76 Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto – Ana Maria Lugão Rios  
N. 77 Progresso: como mito ou ideologia – Gilberto Dupas  
N. 78 Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda – Octavio A. C. Conceição  
N. 79 Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul – Moacyr Flores  
N. 80 Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território – Arno Alvarez Kern  
N. 81 Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula – Gláucia de Souza  
N. 82 Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de “sindicalismo populista” em questão – Marco Aurélio Santana  
N. 83 Dimensões normativas da Bioética – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto  
N. 84 A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza – Attico Chassot  
N. 85 Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo – Patrícia Almeida Ashley  
N. 86 Autonomia na pós-modernidade: um delírio? – Mario Fleig  
N. 87 Gauchismo, tradição e Tradicionalismo – Maria Eunice Maciel  
N. 88 A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz – Marcelo Perine  
N. 89 Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade – Laurício Neumann  
N. 90 Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida – Maria Cristina Bohn Martins  
N. 91 Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo – Franklin Leopoldo e Silva  
N. 92 Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática – Daiane Martins Bocasanta  
N. 93 A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro – Carlos Alberto Steil  
N. 94 Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos – Cesar Sanson  
N. 95 De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência – Peter A. Schulz  
N. 96 Vianna Moog como intérprete do Brasil – Enildo de Moura Carvalho  
N. 97 A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica – Marinês Andrea Kunz  
N. 98 Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões – Susana Maria Rocca Larrosa  
N. 99 Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house – Vanessa Andrade Pereira  
N. 100 Autonomia do sujeito moral em Kant – Valerio Rohden  
N. 101 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1 – Roberto Camps Moraes  
N. 102 Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência – Adriano Premebida  
N. 103 ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso – Eliane Schlemmer

- N. 104 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2 – Roberto Camps Moraes
- N. 105 Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos – Paula Corrêa Henning
- N. 107 Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático? – Telmo Adams
- N. 109 Transumanismo e nanotecnologia molecular – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 Formação e trabalho em narrativas – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda – Denis Gerson Simões
- N. 113 Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro – Sonia Montão
- N. 115 Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites – Carlos Daniel Baioto
- N. 116 Humanizar o humano – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 Colonizando e descolonizando mentes – Marcelo Dascal
- N. 119 A espiritualidade como fator de proteção na adolescência – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 A dimensão coletiva da liderança – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos – Eduardo R. Cruz
- N. 122 Direito das minorias e Direito à diferenciação – José Rogério Lopes
- N. 123 Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios – Wilson Engelman
- N. 124 Desejo e violência – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 As nanotecnologias no ensino – Solange Binotto Fagan
- N. 126 Câmara Cascudo: um historiador católico – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
- N. 128 Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável – Paulo Roberto Martins
- N. 131 A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 Linguagem, singularidade e atividade de trabalho – Marlene Teixeira e Éderson de Oliveira Cabral
- N. 133 A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Nicklass Luhmann – Leonardo Grison
- N. 134 Motores Biomoleculares – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 As redes e a construção de espaços sociais na digitalização – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras – Rodrigo Marques Leister
- N. 137 Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstruem suas vidas – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis – Maria Cristina Bohn Martins

- N. 139 Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades – Marise Borba da Silva
- N. 140 Platão e os Guarani – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 Direitos humanos na mídia brasileira – Diego Airosa da Motta
- N. 142 Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio – Greyce Vargas
- N. 143 Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 Inclusão e Biopolítica – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente – Bianca Sordi Stock
- N. 146 Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD – Camila Moreno
- N. 147 O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais – Caetano Sordi
- N. 148 Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS – Fernanda Schutz
- N. 149 Cidadania, autonomia e renda básica – Josué Pereira da Silva
- N. 150 Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética – José Rogério Lopes
- N. 151 As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou “por que voltar ao México 100 anos depois” – Claudia Wasserman
- N. 153 Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate – Stefano Zamagni
- N. 154 Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'ýikue no município de Caarapó-MS – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica – Stefano Zamagni
- N. 156 Intermittências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento – Stefano Zamagni
- N. 158 “Passemos para a outra margem”: da homofobia ao respeito à diversidade – Omar Lucas Perrout Fortes de Sales
- N. 159 A ética católica e o espírito do capitalismo – Stefano Zamagni
- N. 160 O Slow Food e novos princípios para o mercado – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião – André Brayner de Farias
- N. 162 O modus operandi das políticas econômicas keynesianas – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas – André Luiz da Silva
- N. 164 Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich? – Serge Latouche
- N. 165 Agostos! A “Crise da Legalidade”: vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 Convivialidade e decrescimento – Serge Latouche
- N. 167 O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 O decrescimento e o sagrado – Serge Latouche
- N. 169 A busca de um ethos planetário – Leonardo Boff
- N. 170 O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo – Marco Antonio de Abreu Scapini

- N. 171 Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes – Gerson Egas Severo
- N. 172 Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais – Bruno Pucci
- N. 173 Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral – João Roberto Barros II
- N. 174 Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas – Marcelo Fabri
- N. 175 Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 Um caminho de educação para a paz segundo Locke – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzos – Lenio Luiz Streck
- N. 179 Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro – José Rogério Lopes
- N. 183 A Europa e a ideia de uma economia civil – Stefano Zamagni
- N. 184 Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como “discurso-limite”) – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade – Stefano Zamagni
- N. 186 A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados – Joseane Mariéle Schuck Pinto
- N. 187 Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção – Luis David Castiel
- N. 189 Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero – Marlene Tamanini
- N. 190 Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito – Claudia Fonseca
- N. 191 #VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 A ciência em ação de Bruno Latour – Leticia de Luna Freire
- N. 193 Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Tiago Wickstrom Alves
- N. 196 A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico – Adolfo Nicolás
- N. 197 Brasil: verso e reverso constitucional – Fábio Konder Comparato
- N. 198 Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari

- N. 200 Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética – Jordi Maiso
- N. 202 Fim da Política, do Estado e da cidadania? – Roberto Romano
- N. 203 Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania – Maria da Glória Gohn
- N. 204 As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend – Miguel Ângelo Flach
- N. 205 Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro – Fábio Konder Comparato
- N. 206 Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual – Karla Saraiva
- N. 207 Territórios da Paz: Territórios Produtivos? – Giuseppe Cocco
- N. 208 Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 As possibilidades da Revolução em Ellul – Jorge Barrientos-Parra
- N. 210 A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben – Márcia Rosane Junges
- N. 211 Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo – Sandra Caponi
- N. 212 Verdade e História: arqueologia de uma relação – José D’Assunção Barros
- N. 213 A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ – José Odello Schneider
- N. 214 Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze – Sandro Chignola
- N. 215 Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação – Alejandro Rosillo Martínez
- N. 216 A realidade complexa da tecnologia – Alberto Cupani
- N. 217 A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend – Hans Georg Flickinger
- N. 218 O ser humano na idade da técnica – Humberto Galimberti
- N. 219 A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre – Halina Macedo Leal
- N. 220 O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil – José Eduardo Franco
- N. 221 Neurofuturos para sociedades de controle – Timothy Lenoir
- N. 222 O poder judiciário no Brasil – Fábio Konder Comparato
- N. 223 Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão – Jesús Conill Sancho
- N. 224 O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867) – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais – Xavier Albó
- N. 226 Justiça e perdão – Xabier Etxeberria Mauleon
- N. 227 Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor) – Martín Almada
- N. 228 A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo – Sandro Chignola
- N. 229 Um olhar biopolítico sobre a bioética – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racialismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida – Jesús Conill Sancho
- N. 232 Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança – Elsa Cristine Bevia
- N. 234 O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira – Róber Iturriet Avila & João Batista Santos Conceição
- N. 235 Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945) – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 Economias Biopolíticas da Dívida – Michael A. Peters

- N. 237 Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação – Halina Macedo Leal
- N. 238 O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global? – Leandro Inácio Walter
- N. 239 Brasil: A dialética da dissimulação – Fábio Konder Comparato
- N. 240 O irrepresentável – Homero Santiago
- N. 241 O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 Uma crise de sentido, ou seja, de direção – Stefano Zamagni
- N. 243 Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão – Dirce Koga
- N. 244 A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal – Alexandre Filordi de Carvalho
- N. 245 Esquecer o neoliberalismo: aceleração como terceiro espírito do capitalismo – Moysés da Fontoura Pinto Neto
- N. 246 O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo – Andrea Fumagalli
- N. 247 Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governo – Dora Lilia Marín-Díaz
- N. 248 Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia – Roberto Romano
- N. 249 Jesuítas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980) – Iraneidson Santos Costa
- N. 250 A Liberdade Viggiada: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira – Francini Lube Guizardi
- N. 252 A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades? – Vinícius Nicastro Honesko
- N. 254 Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva – Jean-Bosco Kakozi Kashindi
- N. 255 Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles – Marcelo Castañeda
- N. 256 Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
- N. 257 Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização – Altair Sales Barbosa
- N. 258 O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder – Rodrigo Karmy Bolton
- N. 259 Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical? – Moysés Pinto Neto
- N. 260 Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre? – Leandro Rogério Pinheiro
- N. 261 Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo – Henrique Costa
- N. 262 As sociabilidades virtuais glocalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
- N. 263 Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira – Sauro Bellezza
- N. 264 Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS) – Stela N. Meneghel
- N. 265 Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum – Armando de Melo Lisboa
- N. 266 Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos – Aline Albuquerque
- N. 267 O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil – Giuseppe Tosi
- N. 268 Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia? – Alana Moraes de Souza

- N. 269 A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente – Osiel Lourenço de Carvalho
- N. 270 O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna – Viviane Zarembski Braga
- N. 271 O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza – Flavio Williges
- N. 272 Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana – Rafael Lopez Villasenor
- N. 273 Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira – Celso Gabatz
- N. 274 Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo – Acauam Oliveira
- N. 275 Tendências econômicas do mundo contemporâneo – Alessandra Smerilli
- N. 276 Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord – Atilio Machado Peppe
- N. 277 O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social – José Roque Junges
- N. 278 Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco
- N. 279 O mal-estar na cultura medicamentalizada – Luis David Castiel
- N. 280 Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia – Alain Gignac
- N. 281 A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual – Mário José Maestri Filho
- N. 282 A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo – Angela Ganem
- N. 283 Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome – Armando de Melo Lisboa
- N. 284 Renda básica em tempos difíceis – Josué Pereira da Silva
- N. 285 Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras – Ricardo de Jesus Machado
- N. 286 O “velho capitalismo” e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço – Luiz Gonzaga Belluzzo
- N. 287 A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk – Itamar Soares Veiga
- N. 288 Para arejar a cúpula do judiciário – Fábio Konder Comparato
- N. 289 A Nova Previdência via de transformação estrutural da seguridade social brasileira – Marilinda Marques Fernandes
- N. 290 A Universidade em busca de um novo tempo – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
- N. 291 Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo – Róber Iturriet Avila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
- N. 292 As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras – Aloir Pacini
- N. 293 Mudança de paradigma pós-crise do coronavírus – Fábio Carlos Rodrigues Alves
- N. 294 O Mar da Unidade: roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî – Faustino Teixeira
- N. 295 Função social da propriedade e as tragédias socioambientais de Mariana e Brumadinho: Um constitucionalismo que não é para valer – Cristiano de Melo Bastos
- N. 296 O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade – Maria Isabel Mendes de Almeida
- N. 297 Escatologias tecnopolíticas contemporâneas – Ednei Genaro
- N. 298 Narrativa de uma Travessia – Faustino Teixeira
- N. 299 Efeito covid-19: espaço liso e Bem Viver– Wallace Antonio Dias Silva
- N. 300 Zeitgeist pós-iluminista e contrarrevolução cientificista na análise econômica– Armando de Melo Lisboa



- N. 301 Educação, tecnologias 4.0 e a estetização ilimitada da vida: pistas para uma crítica curricular– Roberto Rafael Dias da Silva
- N. 302 Mídia, infância e socialização: perspectivas contemporâneas - Renata Tomaz
- N. 303 A colonialidade do poder no direito à cidade: a experiência do Cais Mauá de Porto Alegre - Karina Macedo Gomes Fernandes
- N. 304 Ártico, o canário da mina para o aquecimento global - Flavio Marcelo de Mattos Paim
- N. 305 A transformação dos atores sociais em produção e recepção: trajeto empírico-metodológico de uma pesquisa - Aline Weschenfelder
- N. 306 Impactos Ambientais de Parques Eólicos no Semiárido Baiano: do licenciamento atual a novas perspectivas - Rosana Batista Almeida
- N. 307 História de José, O Carpinteiro, como narratividade de Esperança - Patrik Bruno Furquim dos Santos
- N. 308 Violências, injustiças e sofrimento humano: o impacto das desigualdades sociais nas percepções de Martín-Baró, Ricoeur e Nietzsche - Lina Faria e Rafael Andrés Patino
- N. 309 Catadores de materiais recicláveis: novos sujeitos de direitos na construção da sustentabilidade ambiental - Mariza Rios e Giovanna Rodrigues de Assis
- N. 310 A imagem do pobre nos filmes de Pasolini e Glauber como chave para compreender a ação do capitalismo - Vladimir Lacerda Santafé
- N. 311 Aprendizados no campo da metodologia de orientação acadêmica - Faustino Teixeira
- N. 312 O Desespero Inconsciente de Kierkegaard: melancolia, preguiça, vertigem e suicídio - Paulo Abe
- N. 313 Os Direitos Humanos como parâmetro para as democracias contemporâneas: o caso brasileiro - José Dalvo Santiago da Cruz
- N.314 Algoritmização da vida: a nova governamentalização das condutas - Castor M.M. Bartolomé Ruiz
- N. 315 Capital e ideologia de Thomas Piketty: um breve guia de leitura - Alexandre Alves
- N. 316 "Ecologia com espírito dentro": sobre Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno - Nicole Soares Pinto
- N. 317 A chacinagem dos chiquitanos - Aloir Pacini e Loyuá Ribeiro F. M. da Costa
- N. 318 Mestre Eckhart: Deus se faz presente enquanto ausência de imagens e de privilégios - Matteo Raschiatti
- N. 319 Indígenas nas cidades: memórias "esquecidas" e direitos violados - Alenice Baeta
- N. 320 Pindó Poty é Guarani! - Roberto Antonio Liebgott e Aloir Pacini
- N. 321 Desbravar o Futuro. A antropotecnologia e os horizontes da hominização a partir do pensamento de Peter Sloterdijk - Rodrigo Petronio
- N. 322 A Trajetória Metodológica Suscitadora de Jesús Martín-Barbero - Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre
- N. 323 O capitalismo de crise: lógicas e estratégias de dominação - Luiz Inácio Gaiger
- N. 324 O trabalho humano no magistério do Papa Francisco - André Langer
- N. 325 Uma discussão acerca da liberdade da consciência humana: convergências e divergências entre Kierkegaard e Lutero - Heloisa Allgayer e Rafael Francisco Hiller
- N. 326 Técnica e Ética no contexto atual - Oswaldo Giacoia Junior

 UNISINOS